

1.

A partir de outubro de 1976 e até ir de novo viver para Nápoles em 1979, evitei reatar relações sólidas com Lila. Mas não foi fácil. Ela tentou quase de imediato reentrar à força na minha vida e eu ignorei-a, tolerei-a, aturei-a. Embora ela se comportasse como se tudo o que queria era estar perto de mim num momento difícil, eu não conseguia esquecer o desprezo com que me tratara.

Hoje penso que se me tivesse ferido apenas com o insulto — és uma idiota, gritara-me pelo telefone quando lhe contara acerca de Nino, e nunca acontecera antes, absolutamente nunca, ela falar-me daquele modo — depressa me teria passado. Mas a verdade é que a alusão a Dede e a Elsa teve mais peso do que a ofensa. Pensa no mal que fazes às tuas filhas, censurara-me, e naquele momento nem fiz caso. Mas as palavras foram adquirindo mais peso com o tempo, voltavam-me à lembrança com frequência. Lila nunca manifestara o menor interesse por Dede ou por Elsa, era quase certo que nem se recordava dos seus nomes. Quando lhe referia por telefone alguma saída inteligente delas, ela atalhava logo, mudava de assunto. E quando as vira pela primeira vez em casa de Marcello Solara, limitara-se a um olhar distraído e algumas frases banais, nem sequer reparara em como elas estavam bem vestidas, bem penteadas, e como eram capazes, apesar de ainda serem pequenas, de se exprimirem com correção. Todavia, fora *eu* que as tivera, fora *eu* que as criara, faziam parte de mim, a sua amiga de sempre. Devia ter tido em conta — já não digo por afeto, mas ao menos por delicadeza — o meu orgulho de mãe. Mas nada disso, não usara sequer um

bocadinho de ironia afável, mostrara indiferença e nada mais. Só agora — por ciúme, com certeza, por eu ter caçado Nino — se lembrara das meninas e resolvera realçar que eu era uma péssima mãe, que para ser feliz causava a infelicidade delas. Assim que pensava nisso, enervava-me. Alguma vez Lila se preocupara com Gennaro quando deixara Stefano, quando abandonara o menino aos cuidados da vizinha por causa do trabalho na fábrica, quando o mandara para minha casa como se quisesse ver-se livre dele? Ah, eu tinha as minhas culpas, mas era mais mãe do que ela, sem dúvida.

2.

Os pensamentos deste género tornaram-se uma constante, naquela altura. Foi como se Lila, que, ao fim e ao cabo, a respeito de Dede e Elsa pronunciara apenas essa única frase pérfida, se tivesse arvorado em advogada de defesa das suas necessidades de filhas, e eu me sentisse na obrigação de lhe demonstrar que ela estava errada cada vez que as negligenciava para me dedicar à minha pessoa. Mas aquilo não passara de uma boca ditada pelo mau humor, o que ela realmente pensava dos meus comportamentos de mãe não sei. Só ela pode dizer se de facto conseguiu insinuar-se nesta corrente de palavras tão longa para modificar o meu texto, para nela introduzir com arte elos que faltavam, para arrancar outros sem o mostrar, para dizer de mim mais do que eu quero, mais do que eu sou capaz de dizer. Anseio por essa sua intrusão, desejo-a desde que comecei a escrever a nossa história, mas tenho de chegar ao fim para submeter todas estas páginas a uma revisão. Se tentasse fazê-lo agora, com certeza ficava bloqueada. Escrevo há demasiado tempo e estou cansada, cada vez é mais difícil manter o fio da história esticado através do caos dos anos, dos pequenos e grandes acontecimentos, dos humores. Por isso, ou tendo para sobrevoar os factos da minha vida, para deitar a mão a Lila num ápice e a todas as complicações que ela traz consigo, ou, o que é pior, deixo-me levar pelos acontecimentos da minha vida só porque os passo à escrita com mais facilidade. Mas é preciso que eu fuja desta encruzilhada. Não devo ir pelo primeiro caminho, ao longo do qual — uma vez que a nature-

za do nosso relacionamento impõe que eu só possa chegar a ela passando por mim — acabaria, ao pôr-me de parte, por encontrar cada vez menos sinais de Lila. Por outro lado, também não devo ir pelo segundo caminho. Que eu fale das minhas experiências pessoais sem me conter seria decerto aquilo que ela mais apreciaria. Vá — dir-me-ia —, conta lá que voltas deu a tua vida, quem é que quer saber da minha, confessa que nem a ti interessa. E concluiria: eu sou um gatafunho por cima de outro gatafunho, completamente imprópria para um dos teus livros; não te importes comigo, Lenù, ninguém escreve a respeito de um risco.

O que fazer então? Dar-lhe mais uma vez razão? Aceitar que ser adulto é deixar de se mostrar, é aprender a esconder-se até desaparecer? Admitir que quanto mais os anos passam, menos sei de Lila?

Esta manhã ponho o cansaço de lado e sento-me de novo à secretária. Agora que estou perto do ponto mais doloroso da nossa história, quero procurar na página um equilíbrio entre mim e ela que não consegui encontrar na vida, nem tão-pouco entre mim e mim.

3.

Dos dias em Montpellier lembro-me de tudo menos da cidade, é como se nunca lá tivesse estado. Fora do hotel, fora da monumental aula magna onde se realizava o congresso académico em que Nino tomava parte, hoje vejo só um outono ventoso e um céu azul pousado sobre nuvens brancas. Mas aquele topónimo, Montpellier, permaneceu-me na memória por muitos motivos como um sinal de fuga. Já estivera uma vez fora de Itália, em Paris, com Franco, e sentira-me eletrizada pela minha audácia. Mas nesse tempo parecia-me que o meu mundo era e continuaria a ser para sempre o bairro, Nápoles, enquanto o resto era como se fosse um breve passeio ao campo, em cujo clima de exceção conseguia imaginar-me como na realidade nunca seria. Mas Montpellier, que no entanto era de longe menos excitante do que Paris, deu-me a impressão de que os meus diques tinham rebentado e eu me estava a expandir. O puro e simples facto de me encontrar naquele sítio constituía aos meus olhos a prova de que o bairro, Nápoles, Pisa, Florença, Milão, a própria Itália,

eram só minúsculas lascas de mundo e que eu fazia bem em já não me contentar com essas lascas. Em Montpellier senti as limitações do olhar que eu tinha, da língua em que me exprimia e com a qual escrevera. Em Montpellier pareceu-me evidente que podia revelar-se limitado, aos trinta e dois anos, ser esposa e mãe. E durante todos aqueles dias plenos de amor senti-me pela primeira vez liberta dos vínculos que acumulara ao longo dos anos, os que derivavam da minha origem, os que adquirira com o êxito nos estudos, os que tinham origem nas escolhas de vida que fizera, em primeiro lugar os do casamento. Ali compreendi também as razões do prazer que experimentara, no passado, ao ver o meu primeiro livro traduzido para outras línguas e, ao mesmo tempo, as razões do meu desprazer por ter encontrado poucos leitores fora de Itália. Era maravilhoso transpor fronteiras, deixar-me penetrar por outras culturas, descobrir como era provisório aquilo que tomara por definitivo. O facto de Lila nunca ter saído de Nápoles, que até se tivesse assustado com San Giovanni a Teduccio, se no passado considerara isso uma sua opção discutível, que no entanto ela sabia converter em vantagem, agora pareceu-me simplesmente um sinal de limitação mental. Reagi como quando se reage a quem nos insulta, usando a mesma expressão que nos ofendeu. *Ter-te-ias enganado a meu respeito? Não, minha querida, fui eu, eu é que me enganei a teu respeito: ficarás toda a vida a ver os camiões que passam pela rua larga.*

Os dias voaram. A organização do congresso reservara havia tempo, no hotel, um quarto de solteiro para Nino, e como eu me decidira muito tarde a acompanhá-lo, não fora possível alterar a reserva para quarto de casal. Por isso tínhamos quartos separados, mas todas as noites eu tomava duche, preparava-me para a noite e depois, com um certo nervosismo, dirigia-me para o quarto dele. Dormíamos juntos, abraçados um ao outro como se receássemos que uma força hostil nos separasse durante o sono. De manhã mandávamos servir o pequeno-almoço na cama, desfrutávamos aquele luxo que eu só vira no cinema, ríamos muito, éramos felizes. Durante o dia acompanhava-o até à grande sala do congresso e, embora os congressistas lessem páginas e páginas em tom aborrecido, estar com ele arrebatava-me, sentava-me a seu lado mas sem o incomodar. Nino acompanhava as intervenções com muita atenção,

tomava notas e de vez em quando sussurrava-me ao ouvido comentários irônicos e palavras de amor. Ao almoço e ao jantar misturávamo-nos com académicos de meio mundo, nomes estrangeiros, línguas estrangeiras. É claro que os oradores de maior prestígio estavam todos à mesma mesa, nós fazíamos parte de uma grande mesa de estudiosos mais jovens. Mas impressionou-me a mobilidade de Nino, tanto no decorrer dos trabalhos como no restaurante. Como era diferente do estudante de outrora, até do jovem que me defendera na livraria de Milão, havia quase dez anos. Puseira de parte o tom polémico, transpunha com tato as barreiras académicas, estabelecia relações com ar sério e ao mesmo tempo cativante. Ora em inglês (ótimo), ora em francês (bom), conversava de forma brilhante, alardeando o seu velho culto dos números e da eficiência. Senti-me cheia de orgulho pela maneira como ele agradava. Em poucas horas tornou-se simpático para todos, puxavam-no para aqui e para ali.

Houve um único momento em que mudou bruscamente, foi na noite anterior à sua intervenção no congresso. Mostrou-se antipático e grosseiro, pareceu-me transtornado pela ansiedade. Começou a dizer mal do texto que preparara, repetiu várias vezes que não tinha facilidade em escrever como eu, zangou-se porque não tivera tempo para trabalhar bem. Senti-me culpada — fora o nosso caso complicado que o distraía? — e tentei remediar as coisas dando-lhe beijos, abraços, levando-o a ler-me as suas páginas. Leu-mas, e eu enterneci-me com o seu ar de aluno assustado. Achei que a sua intervenção não era menos aborrecida do que as que já ouvira na aula magna, mas enalteci-o muito e ele acalmou-se. Na manhã seguinte exibiu-se com um ardor declamado, aplaudiram-no. À noite um dos académicos de prestígio, americano, convidou-o a sentar-se a seu lado. Fiquei sozinha mas não me importei. Quando Nino estava comigo não falava com ninguém, ao passo que na sua ausência fui obrigada a desembaraçar-me com o meu francês claudicante e a familiarizar-me com um casal de Paris. Gostei deles porque depressa descobri que se encontravam numa situação não muito diferente da nossa. Ambos achavam sufocante a instituição da família, ambos haviam dolorosamente virado as costas aos cônjuges e aos filhos, ambos pareciam felizes. Ele, Augustin, na casa dos cinquenta, tinha